

O ATENDIMENTO PSICOTERAPÊUTICO EM CLÍNICA ESCOLA

Elba Cristina da Silva Lustosa¹
Carolina Santin Cótica²
Hudson Eygo³

Resumo

O presente trabalho no âmbito das relações entre serviços de saúde e sociedade vem propor uma reflexão acerca do atendimento clínico em clínica-escola, partindo de uma explanação teórica da temática com o objetivo de descrever e mostrar a importância desse equipamento no atendimento psicoterapêutico oferecido à comunidade. Busca-se subsídios teóricos em diversos autores para melhor delinear a complexidade que se dá nesses espaços de produção de conhecimento.

Palavras-Chaves: Atendimento Clínico; Clínica-Escola; Psicologia.

Abstract

Proposes to work, in scope of relations between health services and society, a reflection about the clinical care in the school clinic, from a theoretical explanation of the theme with the objective to describe and display the importance this equipment does to care for community. Sought to theoretical subsidies in miscellaneous authors, articles, books and conference proceedings, for search for a better understanding of the phenomenon and outline the in complexity what if gives knowledge production spaces.

Keywords: Psychotherapy ; -School Clinic ; Psychology .

1. Acadêmica de Psicologia do CEULP/ULBRA. E-mail: elbinhagpi@hotmail.com

2. Psicóloga, especialista em Gerontologia (2004) e mestre em Ciências da Saúde pela UNB. Atualmente é docente no curso de Psicologia do CEULP/ULBRA. E-mail: cscotica@uol.com.br

3. Psicólogo, Coordenador do Serviço de Psicologia - SEPSI do CEULP/ULBRA, Coordenador da Área de Psicologia do Portal (En)Cena - A Saúde Mental em Movimento. E-mail: hudsoneygo@gmail.com

Introdução

O atendimento psicológico em clínica-escola tem um papel fundamental no que se refere ao estudo e desenvolvimento de sua função. Segundo Lohr e Silveiras (2006), esse papel na formação de futuros psicólogos é histórico e está demarcado inclusive na legislação que cria e regulamenta tal profissão. As autoras trazem que a clínica-escola, é caracterizada como o espaço em que esse profissional, nos últimos anos de sua graduação, tem a chance de desenvolver a parte prática de sua formação clínica. Isso permite ao acadêmico aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos no seu percurso nas séries anteriores da universidade.

Diante do contexto histórico, social e cultural no qual o homem está inserido Vendrusculo et al. (2005) traz que, o atendimento clínico surge como uma necessidade. Contudo, o atendimento se fortalece e passa a ser visto como a função essencial do psicólogo. Para Lohr e Silveiras (2006), a clínica-escola é um espaço para a produção de conhecimento. Este espaço abriga uma espécie de laboratório para as práticas psicológicas nas mais diferentes formas de atuação. Ou seja, a clínica-escola possibilita uma integração entre a formação acadêmica e as necessidades da comunidade.

Assim sendo, o estudante reconhece a importância do atendimento psicológico dentro desse espaço, constituindo-o como centro de aprendizagem. Segundo Santos et al. (2005), a comunidade legitima esses espaços como sendo uma porta de entrada para a busca de ajuda psicológica. Logo, as clínicas-escolas além de propiciar conhecimento práticos/teóricos, servem também para suscitar outras reflexões em prol das necessidades do indivíduo. O autor ressalta que esse aprendizado amplia as habilidades básicas que envolvem uma atuação dentro dos princípios éticos da psicologia.

Portanto os atendimentos em clínica-escola, oferecem à população serviços psicológicos gratuitos. Na atualidade tem ocorrido um aumento na procura por estes serviços, aumenta

também o desejo por parte do estudante em prestar este serviço da melhor forma possível. Entende-se que este é um trabalho realizado com o máximo de responsabilidade, ética, respeito e cuidado. Requer compromisso e parcerias para melhor desenvolvê-lo.

Acolhimento e demanda

Segundo a Rede Humaniza SUS (2009), o acolhimento é uma postura ética que implica na escuta do usuário em suas queixas/demandas, no reconhecimento do seu protagonismo no processo de saúde e adoecimento. Acolher é um compromisso na responsabilização pela resolução, com ativação de redes de compartilhamento de saberes. Ou seja, o acolhimento é importante em qualquer prestação de serviço de saúde, ele não pressupõe hora e/ou profissional específico para fazê-lo.

O acolhimento é um processo e como tal deve, se dar em articulação com várias diretrizes dos serviços de saúde. Segundo o Ministério da Saúde como ato ou efeito de acolher, o acolhimento expressa uma ação de proximidade em “estar com” ou “perto de” alguém ou algo. Neste sentido além de precisar de articulações para melhor compor essas ações, por si só, ele é uma das maiores diretrizes da rede de humanização.

Logo, é preciso não restringir seu conceito somente ao problema da recepção da demanda. O acolhimento é e se faz importante, assim sendo, a clínica-escola propicia para seus futuros profissionais treinamento com orientações técnicas e éticas. Dessa forma o Ministério de Saúde – Política Nacional de Humanização (2010), traz que o acolhimento só ganha sentido na porta de entrada se o entendermos como parte do processo de produção de saúde. Entendê-lo como algo que qualifica as relações e é passível de ser apreendido e trabalhado em todo e qualquer espaço no serviço de saúde.

A clínica-escola proporciona ao futuro profissional espaços de promoção de saúde e recebem no mesmo os mais diversos tipos de

queixas e/ou demandas. Para Silvaes (2006), esse processo é mais que uma coleta de dados numa escuta qualificada. Ali naquele contexto o terapeuta passa a lidar com o sistema de crenças e valores do outro. A autora reflete ainda que seja um compromisso sério quando alguém se dispõe a ajudar cuidar do “problema” do outro, deixando de lado suas próprias crenças e valores, despidendo-se de seus preconceitos e julgamentos.

Respeitando e considerando a subjetividade de cada cliente, tal como seu modo particular de existir e/ou interagir no e com o mundo ao seu redor, Rogers (1997) acredita que o psicoterapeuta tem a função clínica de auxiliar o cliente na sua busca natural para o seu processo de tornar-se pessoa. Segundo a teoria facilitadora, o psicoterapeuta deve proporcionar um ambiente clínico com as três condições básicas necessárias para que ocorra o crescimento do cliente: empatia; aceitação positiva incondicional e congruência.

No âmbito da clínica-escola recebe-se demandas tais como: depressão, suicídio, violência física e sexual, abandonos, questões relacionadas a perdas, conflitos familiares, dificuldade de aprendizagem e outros. Todas estas acometidas entre: crianças, adolescentes, jovens e adultos, ou seja, qualquer sujeito está sujeito a passar por algum desses males. Segundo Souza e Colacique (2005), a demanda de pacientes com alto grau de sofrimento é muito intensa e perceptível durante o contato inicial, no entanto seu sofrimento pode ser minimizado e aliviado já nas primeiras entrevistas.

De modo similar a visão das autoras Rogers (1987) ressalta sobre a importância de se acolher e ouvir o sujeito numa escuta genuína do processo clínico.

As autoras refletem por exemplo que a depressão acarreta ao indivíduo o desinteresse pelas situações cotidianas e futuras, tais como: sentimento de inutilidade, culpa, ausência de esperança, sentimento de vazio, sensação de uma vida sem objetivos, além de outras reações somáticas que levam a pessoa a um estado de prostração.

Esta é uma realidade constante nos

atendimentos em clínica-escola e também é uma preocupação real. A Organização Mundial de Saúde considera também assustadora a dimensão destes problemas principalmente os que estão relacionados às tentativas de suicídio. Diante da realidade das demandas, torna-se imperioso pesquisar formas de lidar com toda esta situação complexa e aguda.

É importante ressaltar que a Psicologia como ciência dispõe de um leque de teorias para nortear o trabalho do terapeuta nos processos clínicos. Ao passo que nenhuma delas classifica-se como sendo melhor e/ou pior do que a outra. Portanto, para Santos (2005) o mais importante é que o profissional se adapte a necessidade de seu cliente, e busque o que for melhor para ele. Lembrando ainda que o atendimento clínico em clínica-escola é supervisionado, numa troca de vivências e experiências que são de extrema necessidade para o processo de aprendizagem do estudante.

O cliente e o processo psicoterapêutico

Nos processos clínicos a relação cliente/terapeuta é de suma importância em qualquer abordagem ou método de trabalho psicoterapêutico. O sucesso da mesma vai depender primordialmente da formação do vínculo e da confiança estabelecida no processo. Para Rangé (2001) alguns dos comportamentos do cliente exigem um trabalho cuidadoso do terapeuta a fim de possibilitar um processo satisfatório para ambos. Assim, o papel do terapeuta é ter um olhar compreensivo, acolher e aceitar incondicionalmente o sujeito que está buscando ajuda.

Santos et al. (2005), traz que, os processos clínicos envolvem a concentração em competências para atuar, de forma ética e coerente com referenciais teóricos, valendo-se de processos psicodiagnósticos, de aconselhamento, psicoterapia ou outras estratégias clínicas. Para tanto neste contexto Rogers (1997) ressalta o poder do cliente

focando sempre no seu potencial reforçando sua capacidade de transformação. Ou seja, ele não tem a pretensão de modelar as pessoas, mas acredita no fator ambiente desta relação.

No contexto institucional, portanto, há a necessidade premente de se promover intervenções psicológicas efetivas num espaço de tempo menor. A clínica-escola é um campo de aprendizagem, vivências e trocas de experiências. Por exemplo, quando seu cliente está em crise, este é geralmente um período de crise para você enquanto terapeuta. Segundo Zaro et al. (1991) essas instituições permitirá você de alguma forma experimentar muitos dos sentimentos que seu cliente vive tais como ansiedade, confusão, incerteza e outros.

Dada a relevância do cliente para o seu tratamento, percebe-se a responsabilidade do terapeuta em tentar mantê-lo proativo nesse processo. Logo, esse caminhar é uma via de mão dupla, onde um ajuda o outro. Segundo Forghieri (1993), Quando vivenciamos o encontro e a convivência com o nosso semelhante, estamos habitando o mundo humano, em nosso existir originário que é *ser-com-o-outro*. Mesmo quando se está só, o mundo está sendo partilhado pela ausência. É com o outro que atualizamos as nossas potencialidades particularmente humanas, tais como amor, liberdade e responsabilidade.

No caso dos pacientes deprimidos e com ideação suicida Souza e Colacique (2005) trazem que esse processo é ainda mais importante e ressaltam a necessidade de melhor compreender a evolução clínica e observar mais atentamente o desenvolvimento psicológico destes pacientes. Conclui-se daí que o indivíduo participa ativamente desse processo, as atitudes, expectativas e sentimentos derivados de sua história de interações influenciam a maneira de interpretar e organizar as novas experiências.

A impotência da supervisão em clínica

Como já foi mencionado anteriormente o

atendimento clínico em clínica-escola acontece com supervisão. É pertinente afirmar que essa é uma prática necessária para a formação do profissional de psicologia. A realização desse tipo de trabalho permite uma troca de experiência riquíssima entre estudantes e supervisores. O desenvolvimento desse trabalho precisa se dar no campo onde prevaleça o sigilo, o cuidado, a confiabilidade e o respeito ético que rege ambas as partes.

Segundo Santos et al. (2005) na clínica-escola é possível organizar as atividades de estágio, já que os serviços psicológicos são delineados como projeto de extensão e de formação profissionalizante. Os autores trazem ainda que os estudantes reconhecem esses serviços como espaço de aprendizagem, uma autêntica *escola da clínica*. Com efeito, permitem a comunidade de legitimar esses espaços como uma porta de entrada para toda e qualquer busca por ajuda psicológica.

Nesse sentido é importante que os estudantes aprendam a lidar com seus anseios, dúvidas, medos, preocupações e outros quando estiverem imersos nesse campo de estágio. Que não tenham vergonha de buscar ajuda, de questionar, perguntar, afirmar, compartilhar se preciso for. Os estudantes precisam zelar desses espaços que lhe proporciona tanto conhecimento, é preciso falar e discutir os seus casos com colegas sem o receio de está expondo a vida do outro e a sua própria.

A clínica escola SEPSI

A clínica-escola SEPSI é um núcleo de atendimento a comunidade do curso de Psicologia do CEULP/ULBRA. Segundo as diretrizes curriculares (Resolução 05/2011), dispõe que no projeto do curso deve prever a instalação de um Serviço de Psicologia, no geral os estudantes possam desenvolver as competências da formação do psicólogo e o perfil do curso. Logo, as atividades desenvolvidas neste serviço devem também ir de encontro com as necessidade da comunidade inserida (BRASIL, 2011).

O serviço de psicologia do SEPSI é o espaço que o CEULP/ULBRA disponibiliza para a prática profissional de seus estudantes. Um serviço de saúde gratuito, que trabalha em parceria com as demais redes de saúde, tendo como principal objetivo oferecer a comunidade um serviço psicológico de qualidade. Consta no seu regimento interno que segundo a Constituição Federal (1988), as instituições de ensino devem propor a formação acadêmica atividades referentes à extensão, ensino e pesquisa.

A extensão ocorre quando a formação promove atividades para comunidade e deve ser executada a partir da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. Portanto, a clínica-escola do SEPSI configura-se como um espaço onde as atividades de extensão do curso de Psicologia podem se desenvolver através do elo entre estudantes e comunidade. Lembrando que este é um serviço oferecido com supervisão. Considerando a Lei do Estagiário (Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008), cada supervisor pode ser responsável por no máximo 10 alunos.

Assim o referido serviço oferece atendimentos tais como: Avaliação Psicológica, Avaliação Neuropsicológica, Psicoterapia Individual, Ludoterapia, Orientação Profissional e outros. E será considerado usuário do Serviço de Psicologia qualquer pessoa que procurar a Clínica-Escola para atendimento psicológico por iniciativa própria ou encaminhamento de terceiros.

Considerações finais

Diante dessas considerações a respeito do atendimento clínico em clínica-escola, gostaria de encerrar esse trabalho ressaltando o valor que existe nos campos de experiência prática. O sujeito se constitui nas suas relações e interações consigo mesmo, com o outro e com o meio. Para

Forghieri (1993) essa interação proporciona ao sujeito conhecimento e vivência, que é como um descobrir-se para com o outro, com capacidade para atualizar suas potencialidades e enfrentar as suas fraquezas.

Acolher alguém com o cuidado devido é importante em qualquer que seja a prática dos serviços de saúde. Carl Rogers (1987) traz que, ouvir alguém é uma experiência magnífica que enriquece a alma. Segundo ele isso permite ao cliente sentir-se aliviado, respeitado e importante facilitando assim a sua busca e abertura no seu processo de mudança. E com este olhar humano de esperança ele cita que “a vida, no que tem de melhor, é um processo que flui, que se altera e onde nada está fixo” (ROGERS, 1987 p.32).

Portanto, nesse contexto dos campos de estágio em atuações clínicas, as relações se dão numa interação única e verdadeira entre os serviços prestados e os seus usuários. Cada caso é um caso, cada história é uma história, todas tem sua singularidade e importância em qualquer que seja a circunstância na qual ela se encontra. O papel dos serviços de saúde é acolher, ajudar e facilitar o processo de mudança do sujeito.

Referências

- BRASIL. **Constituição Federal do Brasil**. Brasília, 1988
- BRASIL. **Lei nº 11.788-do Estágio**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.
- BRASIL. **Resolução 05/2011-Diretrizes Curriculares dos Cursos de Psicologia**. Brasília: Ministério da Educação, 2011.
- FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica**. São Paulo: Pioneira, 1993.
- Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização. Acolhimento com classificação de risco**. Brasília, 2010. (Série Cartilhas da PNH).

Disponível em: www.redehumazizasus.net

RANGÉ, Bernard. **Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais**: um diálogo com a psiquiatria. Artmed, 2001.

Rede Humaniza SUS – Ministério da Saúde. 2009 (Cartilhas). Disponível em: www.portalsaude.saude.gov.br

ROGERS, Carl R. **Tornar-se Pessoa**. Martins Fontes: São Paulo, 1997.

ROGERS, Carl R. **Um Jeito de Ser**. Editora Pedagógica e Universitária: São Paulo, 1987.

SANTOS, Manoel Antônio dos; SIMON, Cristiane Paulin; MELO-SILVA, Lucy Leal. **Formação em Psicologia**: processos clínicos. (Orgs). São Paulo: Vetor, 2005.

SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. (Organizadora). **Atendimento Psicológico em**

Clínicas-Escola. Campinas: Alínea, 2006.

SOUZA, Márcia A. Isaco de; COLACIQUE, Maria A. Mazzante. **Reflexões sobre a psicoterapia breve com pacientes deprimidos e ideação suicida**. In: SANTOS, Manoel Antônio dos; SIMON, Cristiane Paulin; MELO-SILVA, Lucy Leal. **Formação em Psicologia**: processos clínicos. (Orgs). São Paulo: Vetor, 2005.

VENDRUSCULO, Juliana; BUSNARDO, Eloá Patrícia; VALLE, Elizabeth R. Martins do. “Minha mãe está doente...” **Quando a Criança se Torna um Cuidador**. In: SANTOS, Manoel Antônio dos; SIMON, Cristiane Paulin; MELO-SILVA, Lucy Leal. **Formação em Psicologia**: processos clínicos. (Orgs). São Paulo: Vetor, 2005.

ZARO, Joan S.; BARACH, Roland; NEDELMAN, Deborah Jo; DREIBLATT, Irwin S. **Introdução a Prática Psicoterapêutica**. E.P.U: São Paulo, 1991.

Submetido em: 07-08-2015

Aceito em: 17-09-2015